

Ecos de um autoexílio e desencontro de si em *Teoria geral do esquecimento*, de José Eduardo Agualusa

Echoes of self-exile and self-missing in José Eduardo Agualusa's Teoria geral do esquecimento

Letícia Simões Velloso Schuler

Graduanda em Letras Português pela UFPB; Pesquisadora (LIGEPSI).
E-mail: leticiaschuler6@gmail.com

Mariana Pinheiro Ramalho

Graduanda em Letras Português pela UFPB; Pesquisadora (LIGEPSI).
E-mail: ramalhomari@hotmail.com

Vanessa Riambau Pinheiro

Professora Adjunta da UFPB; Coordenadora do GeÁfricas.
E-mail: vanessariambau@gmail.com

Resumo: Esta proposta de trabalho se dispõe a traçar um diálogo entre os conceitos de desamparo e solidão, de modo a compreender de que maneira eles se revelam enquanto integrantes da subjetividade dos sujeitos. Tais temas permeiam uma das obras literárias de José Eduardo Agualusa (2012), *Teoria geral do esquecimento*, ao apresentar a história da personagem Ludovica, que, abandonada pela família, tenta sobreviver, isolada em seu apartamento, em uma Luanda em meio à guerra por sua independência. De forma a embasar nossa discussão, utilizaremos como aporte teórico os contrapontos da psicanálise desenvolvidos por Freud (1913/2012; 1917/2010; 1926/1914; 1927/2014; 1930/2010), Dunker (2017) e Birman (2005), que se debruçam sobre os temas da solidão e do desamparo.

Palavras-chave: Desamparo. Solidão. José Eduardo Agualusa.

Abstract: This work proposal is willing to draw a dialogue between the concepts of helplessness and loneliness, in order to understand how they reveal themselves as part of the subjects' subjectivity. Such themes permeate one of José Eduardo Agualusa's (2012) literary works, when *Teoria geral do esquecimento* presenting the story of the character Ludovica, who, abandoned by her family, tries to survive, isolated in her apartment, in a Luanda amid the war for their independence. In order to support our discussion, we will use as theoretical support the counterpoints of psychoanalysis developed by Freud (1913/2012; 1917/2010; 1926/1914; 1927/2014; 1930/2010), Dunker (2017) and Birman (2005), that address the issues of loneliness and helplessness.

Keywords: Helplessness. Loneliness. José Eduardo Agualusa.

A literatura possibilita o florescimento daquilo que habita o íntimo de nosso ser, ao considerarmos que, nela, as memórias e a cultura de um povo encontraram a possibilidade de se materializar, para assim, deixar registrado nas letras um vasto acervo de histórias, ficções, imaginação e humanidade.

Naturalmente, as formas de olhar para esses textos são múltiplas e, cabe a nós, pesquisadores, a escolha de elencar o arcabouço teórico que melhor estabeleça um diálogo com aquilo que pretendemos evidenciar durante a análise.

No alvorecer do século XX, Sigmund Freud consolida suas teorias que se voltavam, a princípio, para o estudo do inconsciente. Pensando nessa interface, entre a literatura e a psicanálise, Bellemim-Nöel (1978, p. 13) nos traz uma contribuição que é bastante cara para a nossa proposta, já que temos por finalidade, “descrever os princípios e o leque de meios que a psicanálise colocou à nossa disposição para nos permitir ler melhor a literatura.” De modo a traçar um diálogo entre tais reflexões, analisaremos a obra *Teoria geral do esquecimento*, do angolano José Eduardo Agualusa (2012)

1 Uma literatura em ascensão

Nas últimas décadas, o mundo ocidental tem visto o despontar dessas literaturas de nações emergentes, que foram geradas a partir do processo de descolonização engendrado, predominantemente, na segunda metade do século XX. Esse processo ocorreu de forma simultânea à (re)construção identitária desses países, enquanto autônomos e livres do jugo colonial. Segundo o estudioso camaronês Achille Mbembe (2014), uma das imbricações da descolonização terá sido a destruição da forma Estado e das instituições herdadas da colonização. Essa destruição impeliu os nativos a forjarem uma nova história e nação, inventadas e narradas literariamente.

O ensaísta camaronês Achille Mbembe (2010), ao analisar a constituição dos nacionalismos nos países africanos, afirma que novos imaginários foram criados no período pós-colonial. Destes, duas tendências merecem destaque: a primeira, que se pauta no princípio da diferença e do reconhecimento de identidades particulares – o que contribui para a falácia da homogeneização cultural e da exclusão de representações autóctones periféricas –, e a segunda, que reconhece as singularidades, mas considera apenas a noção de comunidade e não a de indivíduo. Dessa maneira, podemos observar na representação literária desses países que emergiram do contexto colonial uma temática, de certa forma, obsessiva e restritiva, pautada ou na perpetuação do nativismo ou na necessidade de legitimar-se literariamente enquanto destino coletivo e épico da nação. Ou seja, para que acontecesse a consolidação de sua autonomia literária foi preciso, antes, que houvesse a reprodução do estereótipo colonialista. Ainda de acordo com Mbembe (2010), o nativismo é, também, uma invenção colonial, que serviu para justificar o comportamento dos colonos.

Nesse sentido, um dos maiores desafios da literatura pós-europeia é exatamente reverter este poder epistêmico colonial. África, a “casa sem chaves”, como se refere Mbembe (2010), empreende, desde a descolonização, uma reorganização de espaços, sociedade, cultura e representações. Como não poderia deixar de ser, o fim do período colonial engendrou novos temas e perspectivas literárias. “Agora, navegando mais ou menos livres, as novas nações independentes – sendo, na verdade, enxertias heterogêneas de fragmentos aparentemente incompatíveis e conglomerados de sociedade de longa duração – retomaram o seu curso, assumindo todos os riscos” (MBEMBE, 2014, p. 16).

Dentre essas literaturas emergentes, encontra-se o objeto de nosso estudo, a literatura angolana. Nela, podemos perceber a incidência da capital, Luanda, caldeirão de efervescentes dualidades e de híbridas manifestações culturais, figurando como principal cenário urbano da literatura pós-colonial de língua portuguesa. Nas palavras de Tania Macêdo (2008, p. 13), “[...] em sua multiplicidade, [Luanda] é também a imagem símbolo de Angola.” Essa cidade, com suas múltiplas contradições, representa o *tropos* ideal para a (auto)representação desse país cuja desigualdade social é uma das maiores do mundo.

As literaturas africanas emergentes [...] recorrem aos seus próprios espaços culturais, periféricos do ponto de vista do centro, em busca não de uma mítica ou pretensa “autenticidade” pré-colonial, mas do material poético nativo, passado e presente [...] que lhes garanta a “invenção” de um campo literário diferente, sujeito à recuperação, integração e eventual hibridação também de modelos outros, estrangeiros. (LEITE, 2003, p. 27-28)

O autor do nosso estudo, o escritor angolano José Eduardo Agualusa, também traz Luanda como cenário de sua trama. O romance *Teoria geral do esquecimento* (2012) tem como cenário a Luanda de 1975, que estava em meio à luta pela independência de seu país, Angola.

Nesse contexto, somos apresentados à história de Ludovica Fernandes Mano, uma mulher portuguesa que, em meio a ebulição da guerra, relata sua história, não-ficcional, a partir de suas memórias tão significativas. Lembranças essas que operam num sentido contrário ao de suas vivências, que sempre caminhavam em direção ao esquecimento. Ludo queria ser esquecida.

Com o casamento de sua irmã, Odete, com um viúvo angolano, a protagonista parte de seu país rumo a Angola. Lá, em meio ao luxo, Ludovica ganha de presente de seu cunhado um cachorro, nomeado Fantasma, para que este fosse sua fiel companhia. Ainda no início da narrativa ficamos cientes de que a vida da personagem, por escolha própria, era limitada entre as paredes da própria casa, espaços abertos lhe causavam medo e angústia e, para enfrentar esses sentimentos, em algumas ocasiões, fazia uso de um guarda-chuva. A narração da história acontece a partir de uma alternância de vozes, ora trechos de seu diário são apresentados, ora temos um narrador em terceira pessoa.

Nesse espaço, a protagonista Ludo, que veio a Luanda com sua irmã e cunhado, vê-se sozinha após o desaparecimento deles. Longe de sua pátria lusitana, sem parentes, conhecidos ou conterrâneos que a ajudasse, Ludo estremece de medo. "Tentou imaginar-se muito longe dali, na segurança da antiga casa, em Aveiro, assistindo a filmes antigos na televisão enquanto saboreava chá e trincava torradas. Não conseguiu." (AGUALUSA, 2012, p. 25). Como nem em sonhos consegue reproduzir esse ambiente alentador, a personagem resolve construir uma parede que separa o apartamento onde ela vive do resto do prédio, isolando-se completamente desta África que ela desconhece. "O céu da África é muito maior do que o nosso; esmaga-nos." (AGUALUSA, 2012, p. 14).

A vida inerte de Ludo entra em constante contraposição com a efervescente Luanda pós-independência. Fatos protagonizados por outras personagens surgem enquanto nossa protagonista decide se isolar no apartamento após a fuga de sua irmã e cunhado, ainda no período de instabilidade do país. Na companhia apenas de Fantasma, Ludovica vive dias em que o passar dos meses torna-se irrelevante e a luta pela sobrevivência, diante da escassez de alimento, preenche seus pensamentos.

Nosso trabalho será dividido em dois momentos: primeiramente, iremos nos deter sobre a teoria psicanalítica, a fim de compreendermos de que maneira as noções de desamparo e solidão são vislumbrados nas letras dos teóricos e em que momentos o estabelecimento de uma relação dialógica entre eles torna-se profícua. Posteriormente, o texto literário será nosso principal instrumento e a voz da narradora será nosso guia para entendermos as reverberações dos conceitos em suas vivências, ou seja, perceber em que medida seus sentimentos e percepções daquilo que a rodeava influenciou em suas decisões.

2 Aproximações psicanalíticas entre o desamparo e a solidão

A consolidação da modernidade em nossos tempos traz consigo algumas problemáticas que foram vislumbradas sob uma ótica psicanalítica. Sigmund Freud, ao elaborar seus postulados afirma, em “Uma dificuldade da psicanálise” (1917), que o narcisismo, enquanto esse estado em que o eu retém a libido, sofreu três afrontas consideráveis vindas da pesquisa científica. Primeiramente, houve o aniquilamento da ilusão de que a Terra seria o centro do universo, enquanto todos os planetas e astros moviam-se ao seu redor cumprindo trajetórias circulares. Depois, houve uma afronta biológica ao narcisismo humano ao se constatar que o homem não é diferente nem melhor que os animais, já que suas conquistas e avanços posteriores não apagam sua equivalência. Por fim, temos uma afronta de natureza psicológica em que a segurança da fidelidade e da completude das informações adquiridas pelo indivíduo e da viabilidade de suas ordens são derrubadas com a ascensão dos estudos sobre o inconsciente.

A descentralização do sujeito provocada pelas três feridas narcísicas é expressa nas manifestações de desamparo, no âmbito individual e social. Com a queda dos pilares que sustentavam a soberania e a centralidade do ser humano, ele se vê perdido em si mesmo, ao lado de suas angústias e decepções. Assim, ao elaborar a noção de inconsciente, Freud desconstrói “a ilusão de que a consciência se identifica com o psiquismo, como queria a filosofia da racionalidade moderna. Descentrado, o sujeito humano perdeu a suposta autonomia de que se acreditava revestido.” (ROCHA, 1999, p. 332).

Ao lançar seu olhar para aspectos culturais, que colocam em evidencia comportamentos próprios da civilização, Freud considera que, no momento em que o sujeito se vê lançado em mundo em que não pode mais ter uma figura de pai idealizado e protetor, ou seja, o Deus todo-poderoso – como aquele que traria consigo o amparo solicitado –, estamos lidando com um dos grandes impasses causados por essa nova era. Essa provocação é explorada em algumas de suas elaborações teóricas, sobretudo quando seus pensamentos se voltam para a cultura e para a civilização.

De modo a traçarmos uma reflexão em torno do desamparo e da solidão, é importante contemplarmos, primeiramente, algumas temáticas prévias a esses conceitos, mas que estabelecem entre si noção de continuidade e consequência. Em “Totem e Tabu” (1913), percebemos, a partir da criação de uma figura onipotente, o estabelecimento de proibições e restrições que devem ser respeitadas, dentre elas, temos a proibição do incesto, a interdição fundadora da civilização. Mas, esse pai é assassinado e, com isso, a proteção e amparo que eram oferecidas passam a não mais existir. A figura do pai não protege mais seus filhos. Isso nos leva à constatação de que não há uma sociedade “sem um sistema de repressão coletivo, sem um sistema de parentesco, de regras de aliança e filiação.” (MENEZES, 2012, p. 47).

Essa posição de dependência apresentada pelo sujeito é um aspecto central na problemática do desamparo, na medida em que ele precisa do outro para “se produzir e reproduzir permanentemente enquanto tal.” (BIRMAN, 2005, p. 215). Atrelado a isso, temos a condição de impotência, já que sua constituição não ocorre apenas por seus meios, mas na articulação com a sociedade. Tal perspectiva é explorada em “O mal-estar na civilização” (1930), texto em que Freud, entretanto, revela que é nessa relação com os outros que está uma das principais causas de sofrimento do sujeito. É uma relação sem a qual não conseguimos viver, mas que colabora para o surgimento de conflitos internos nos indivíduos.

Ao elaborar a articulação entre angústia e desamparo, Freud nos leva a refletir sobre os sentimentos que podem surgir no momento em que nos encontramos diante dessa primeira sensação, ou seja, diante de algo que se manifesta enquanto indeterminado, desconhecido, e, por vezes, perigoso. Nos atendo ao perigo, podemos notar que ele pode ser elaborado sob duas formas, o material, em casos de perigo real, e o psíquico, quando há o perigo instintual. Considerando tais reflexões, fica evidente que:

[...] a angústia é, de um lado, expectativa do trauma, e, de outro lado, repetição atenuada do mesmo. As duas características que nos chamaram a atenção na angústia têm origens diversas, portanto. Sua relação com a expectativa se liga à situação de perigo, sua indeterminação e ausência de objeto, à situação traumática de desamparo, que é antecipada na situação de perigo. (FREUD, [1926], 2014, p. 116).

O sujeito em desamparo encontra na angústia uma reação original, sendo este o principal componente de uma situação traumática. Portanto, a angústia do desamparo se revela enquanto esse elemento, que é típico da própria condição humana, reflete o “modo particular de ser que é nosso, marcado pela dor e pelo limite do não-ser.” (ROCHA, 1999, 340).

Em “O futuro de uma ilusão” (1927), ao estabelecer uma crítica às doutrinas religiosas, Freud resume esses ideais como sendo uma ilusão. Para o pai da psicanálise, tais criações “elevam o sentimento de identificação, de que todo grupo cultural necessita, ao dar ensejo a experiências emocionais vivenciadas conjuntamente e altamente apreciadas.” (FREUD, 2014, p. 245). Além disso, contribuem para a satisfação narcísica daqueles que creem nessas doutrinas.

Dessa forma, esse seria um caminho pelo qual o sujeito buscaria, de certa forma, “fugir de uma situação de desamparo e idealizaria a figura de Deus sob a forma de uma providência onipotente que tudo explica, mesmo os enigmas mais impenetráveis do mundo e da vida.” (ROCHA, 1999, p. 337).

Fica claro, portanto, que o desamparo implica uma condição de abandono e esquecimento, de ausência de ajuda, como possibilidade efetiva da vida psíquica. Na obra freudiana, o psicanalista também se refere à “condição de existência do sujeito no mundo (na civilização) que é apoiada numa condição de desamparo do psiquismo.” (MENEZES, 2012, p. 27).

Nesse cenário, é interessante pontuarmos também que, ao pensarmos em desamparo, podemos nos direcionar para as questões que envolvem a solidão, visto que esses conceitos compartilham de semelhantes percepções. É preciso evidenciar, primeiramente, que esse sentimento não se revela apenas se considerarmos o envolvimento de dois ou mais sujeitos, ou uma separação para com o outro, mas ele pode se fazer presente quando simplesmente não nos reconhecemos em relação a nós mesmos. É um ser que não se encontra mais sólido, mas dissolvido em seus próprios vazios.

É um tema que envolve uma multiplicidade de estados, já que, podemos compreendê-lo como um sentimento que pode ir “do isolamento voluntário à exclusão. Da solidão do exílio, do imigrante, do estrangeiro àquela de quem se sente rejeitado e incompreendido na sua própria terra.” (TANIS, 2003, p. 14).

No âmbito social, principalmente se considerarmos o contexto sobre o qual nos referimos no início de nossa sessão, não é uma tarefa complicada enxergarmos situações que promovem o possível aflorar desse sentimento, dentre elas, resgatamos o preconceito, a segregação e a exclusão social. Ser colocado em tais circunstâncias torna o fracasso de estar na companhia de alguém algo inevitável; uma consequência devastadora para quem é escolhido como alvo. Christian Dunker, em um de seus textos, coloca em debate essa questão:

[...] é coerente pensar que o sofrimento frequentemente trará efeitos de isolamento, afastamento ou ruptura das relações. Ocorre que esse movimento que pode ser uma reação útil e desejável em uma série de circunstâncias geralmente penosas, torna-se ele mesmo uma fonte de outros problemas derivados da privação de experiências compartilhadas com outros. [...] Em outras palavras, o isolamento, a introversão ou a introspecção são respostas subjetivas que nem sempre são uma opção ou se iniciam como uma “escolha livre”, mas que gradualmente podem assumir o feitiço de um processo incontrolável, no interior do qual isolamento gera mais isolamento. (DUNKER, 2017, p. 21, grifos do autor).

Por outro lado, a solidão não precisa ser, necessariamente, encarada como um estado de total apatia, isolamento ou quietude, mas, como algo enriquecedor, com o qual podemos aprender e encarar como uma experiência produtiva e enriquecedora. Ela também é, por vezes, necessária, capaz de aguçar nossas capacidades perceptivas e imaginativas, assim, reduzi-la enquanto algo que anuncia o patológico é uma decisão um tanto quanto precipitada. Em algumas situações, o indivíduo pode estar apenas em

busca de um refúgio, em meio a uma vida tão caótica; assim, seria quando o indivíduo percebe que precisa do outro, “mas não absolutamente, que a solidão se torna um espaço criativo [...] nesse momento ela deixa de ser sentida como experiência deficitária.” (DUNKER, 2017, p. 31).

Esta seria a situação em que o sujeito percebe que possui a capacidade de estar só e, a partir dela, conseguir extrair e usufruir de aspectos positivos dessa experiência. É uma situação em que sua própria companhia passa a lhe bastar e a confiança e o bem-estar o acompanham nessa situação – de modo a denominar tal contexto, podemos entendê-lo como uma solidão positiva. (BARROS, 2007).

A solidão, ainda segundo o teórico brasileiro, se apresenta sob diferentes faces. No entanto, de modo a elaborar um diálogo entre as reflexões aqui traçadas, optamos por direcionar nosso olhar para aquela que é concebida como sendo patológica. O sujeito que dela sofre está em constante busca pelo isolamento, por se ver diante de uma humilhação social. A solução encontrada está na necessidade de distanciar e controlar qualquer presença do outro, observamos, então, que o indivíduo está envolto pelo fracasso de estar sozinho.

Analisar aquilo que é da subjetividade humana possibilita algumas conclusões, se considerarmos que são as singularidades dos sujeitos e as suas diferentes formas de manifestarem suas angústias que os constituem. Por isso, se uma das possibilidades para a ocorrência da solidão dá-se pela escolha do indivíduo em estar sozinho frente às situações com as quais não consegue lidar, podemos elaborar que ele, ao mesmo tempo, precisa da presença do outro para existir enquanto ser humano. Apesar de acreditar que a solução para seus conflitos e experiências traumáticas seja o isolamento e distanciamento, inevitavelmente ele percebe que essa tentativa não se apresenta como sendo totalmente benéfica.

Afetos, ajuda, proteção e acolhimento são necessidades que nos impossibilitam o aprisionamento pela falta. Assim, a presença e a companhia podem ser essenciais, pois “o outro não é apenas uma companhia, mas alguém do qual dependem para sentirem-se inteiros e vivos.” (BARROS, 2007, p. 269).

Tal reflexão em torno do desamparo e da solidão nos permite retornar ao início de nossa discussão, ao nos referirmos à modernidade e seus efeitos nos seres humanos, já que

O cenário que se apresenta na atualidade vai da superficialidade e indiferença, por parte de alguns, em relação aos aspectos da subjetividade humana, à visão catastrófica, por parte de outros, de caos e falência total do que caracteriza o humano. É incontestável que vivemos tanto rupturas das condições básicas da existência como a potencialização de fragilidades subjetivas. Podemos destacar fatores como a perda de referenciais e o desaparecimento de muitos dos valores historicamente consolidados, fundamentais à vida humana. (BARROS, 2007, p. 266).

Sentir-se desamparado pode provocar a solidão, no sentido de que, se não temos um outro a quem podemos recorrer, somos colocados em um lugar de irrelevância que é constantemente regado pelos vazios, e o esfacelamento de nosso

próprio ser nos envolve por completo. Com isso, o desejo de estar e sentir-se só nos alcança, e o esquecimento por parte dos que nos rodeiam é algo almejado. É justamente esse afastamento e autoexílio que será nosso ponto de partida para que a interface entre a literatura e a psicanálise seja protagonista em nossa discussão.

3 A busca por um esquecimento

Conforme mencionado anteriormente, a literatura produzida nos países africanos de língua portuguesa vem conquistando seus espaços, permitindo que as produções possam ser lidas, debatidas e estudadas. É um processo que envolve uma luta em favor da construção das identidades desses lugares e da consolidação desses territórios enquanto nações independentes, que, durante anos, não puderam contar suas próprias histórias, mas tiveram sua voz calada por aqueles que optaram por elaborar e fixar histórias de países aos quais não pertenciam. Essa dinâmica também coloca em discussão questões que envolvem a construção do cânone literário, ainda que esse não seja o foco principal de nossa pesquisa.

O contexto histórico da independência de Angola, que até o ano de 1975 era uma colônia portuguesa, nos é muito caro, já que é nesse momento que *Teoria geral do esquecimento* é construído. É após esse conturbado período que o país consegue estabelecer um reencontro com sua tradição, seu povo e sua história. E o florescer de sua literatura legitimou o reconhecimento do país enquanto um estado-nação.

A construção de uma parede que separa a porta do apartamento do resto do prédio é o início de um longo caminho de isolamento. Entretanto, Ludovica desde muito nova já construía muros, ainda que de maneira simbólica, que a impediam de ter uma vida de plena socialização, pois, “nunca gostou de enfrentar o céu” e “em criança, já a atormentava um horror a espaços abertos”, pois, “sentia-se, ao sair de casa, frágil e vulnerável, como uma tartaruga a quem tivessem arrancado a carapaça.” (AGUALUSA, 2012, p. 11). Para ir à escola, sempre estava acompanhada de seu guarda-chuva negro.

Desde sua mudança para Luanda, Ludovica sempre soube que aquele não era o seu lugar e, em meio ao caos de uma cidade que estava prestes a conquistar sua independência, decide que terá apenas a sua própria companhia e a de seu cachorro, mesmo nunca se imaginando vivendo sozinha. Naquele apartamento vazio, ecoariam apenas sua voz, suas lembranças e sua solidão. Somos levados a acreditar que tal decisão é desencadeada pelos os sucessivos abandonos que a personagem sofre ao longo de sua vida – ela perde os pais muito cedo e, quando passa a morar com a irmã e o cunhado, eles a deixam sem qualquer pista para aonde foram.

Sentindo-se uma estrangeira, Ludo decide colocar em letras aquilo que sentia e suas palavras nos dão uma considerável dimensão do desamparo que enfrentava desde muito tempo. Seus pensamentos estão em versos, e ela nos diz: “Sinto medo do que está para além das janelas, do ar que entra/ às golfadas, e dos ruídos que traz. [...] / Até a luz me é estranha./ Um excesso de luz. [...]” (AGUALUSA, 2012, p. 31). A sensação de impotência, que lhe é intensa e dolorosa, a coloca em um lugar em que a incapacidade de elaborar uma ação eficaz contra esse desabamento psíquico que a domina, se faz presente.

Ela decide contar sua história não apenas nas folhas que encontrava em seu apartamento, mas, quando essas chegam ao fim, é nas paredes brancas que encontra espaço para tentar preencher os vazios que encontrava e aqueles que a habitavam. É no apartamento abandonado que, com um carvão, ela decide expressar o que sente e, talvez, com isso, conseguir ter de volta a sensação de sentir-se viva.

Outros versos que merecem destaque são os que estão transcritos no capítulo intitulado “Haikai”. Nele, temos o seguinte texto: “eu ostra cismo/ cá com minhas pérolas/ cacos no abismo” (AGUALUSA, 2012, p. 67). O jogo de palavras elaborado por Ludo nos permite captar o uso da palavra ostracismo e perceber sua tentativa em confessar aquilo que sente em relação a seu lugar no mundo. Se nos atermos ao significado da palavra, notaremos que ele está relacionado à exclusão ou exílio de um indivíduo da cidade, durante o período da Grécia Antiga, como forma de punição. De certa forma, essa é a realidade de nossa protagonista. Suas punições foram as próprias vivências, o abandono, as perdas, a pouca importância que lhe era dada, de modo que a conduziram para um distanciamento, um autoexílio. Ludo não se sente completa, mas percebe que vive em meio a seus próprios fragmentos, seus pedaços em um abismo.

Essa voz, que é reverberada nos diários, pode ser compreendida como um reflexo dessa experiência estruturante da subjetividade, de modo que, nela, o sujeito se encontra com o que pode ser visto como o mais íntimo de sua singularidade, pois,

[...] faz, na mais nua e completa solidão, a descoberta da contingência e da finitude de sua existência. Difícil imaginar uma forma de solidão maior e mais dolorosa do que aquela do desamparado. Nela o ser humano encontra-se inteiramente só. O desamparado sente-se tão só, como o naufrago perdido na imensidão do mar. A metáfora é uma tentativa de mostrar que a essência do desamparo é a solidão e o sentimento de impotência, constituídos pela impossibilidade do sujeito de encontrar sozinho uma saída para a situação em que se encontra. (ROCHA, 1999, p. 342).

Uma das noções descritas por Freud em relação ao desamparo se relaciona com “uma situação ante a violência do outro mais forte e, ao mesmo tempo, como uma condição de impotência originária em que se inscrevem os representantes das pulsões.” (MENEZES, 2012, p. 49). Tal constatação se revela de maneira muito clara ao analisarmos as relações estabelecidas por nossa protagonista, pois ela sempre esteve rodeada de pessoas que tiravam dela sua autonomia. Não era da vontade de Ludo que fronteiras fossem atravessadas, da mesma forma que ela foi obrigada a ter seu corpo violado, fato este que iremos nos deter mais adiante.

Além disso, se nos atermos ao conceito de uma das formas de angústia elaborado por Freud (1926 [2014]), perceberemos que a angústia automática tem por determinante principal o acontecimento de uma situação traumática, e a “experiência de desamparo por parte do eu face a um acúmulo de excitação com o qual não pode lidar” (MENEZES, 2012, p. 64) é o seu protótipo. A história de Ludovica e suas atitudes são consequência da ocorrência desses sentimentos em seu inconsciente, uma série de

traumas, ocasionados por situações de desamparo que não foram elaboradas de maneira minimamente satisfatória.

Para ela, sua realidade estava longe de ser lúcida, “entardecia, amanhecia, e era o mesmo vazio sem princípio ou fim.” (AGUALUSA, 2012, p. 37). Sua rotina se desenrola e, como pano de fundo, gritos, explosões, tiros e mortes colaboram para que a tensão permaneça nas paredes do apartamento. A companhia de seu guarda-chuva ainda lhe era essencial, com ele, sentia-se segura para uma simples visita ao terraço. Depois, com uma comprida caixa de cartão devidamente recortada na altura dos olhos e dos braços, pôde plantar e colher e perceber detalhes da cidade que aconteciam sob seu olhar medroso.

A solidão, enquanto uma experiência simbólica, carrega consigo não apenas uma separação em relação aos outros, mas uma distância e um estranhamento para com nós mesmos (DUNKER, 2017). Ludo tinha certeza de que não pertencia mais a lugar nenhum, sentia dentro de si apenas um vazio, além disso, sabia que ninguém a esperava. Seus dias se desfaziam na mesma mobilidade e rapidez que líquidos, lhe falta comida, água e, como ela mesma afirma, adjetivos; tudo ser tornou pacato e sombrio. As paredes, na falta dos cadernos, são o papel em que ela escoia e dá vazão ao que pensa e vive, sob a forma de versos sucintos.

Em breves momentos de *Teoria geral do esquecimento*, um macaco passa a visitar o apartamento de Ludo e, sempre reflexiva, ela pensa em como eles se assemelham, e o sentido está na própria existência. A personagem se identifica e simpatiza com o macaco na medida em que ela, assim como ele, é um corpo estranho na cidade. Um ser que habita um lugar no qual sabe que não pertence. Mas, ela vai além ao afirmar que o animal “deve ter pertencido a alguém, talvez tenha fugido, ou então o dono abandonou-o.” (AGUALUSA, 2012, p. 43). Esse recorte escancara os acontecimentos na vida da personagem ao pontuar que ele pertencia a alguém ou a algum lugar e foi, possivelmente, abandonado, assim como ela.

É durante o sono que Fantasma, seu cão e único companheiro, morre. Diante de seu corpo, “Ludo sentiu o peito esvaziar-se. Alguma coisa – uma substância escura – escapava de dentro dela [...]. Perdera o único ser no mundo que a amava, o único que ela amava, e não tinha lágrimas para o chorar.” (AGUALUSA, 2012, p. 87). Fantasma dava-lhe sustento, compreensão, carinho e sentido para a vida. Com isso, percebe que a morte, a quem ela chama de amiga, está à sua espreita, prestes a levá-la. A existência do cão tornava a sua própria suportável. Com esse acontecimento, o desamparo que Ludo carrega consigo, se torna mais presente em sua vida, pois, como Freud (1926) elucida, a perda do objeto é uma condição determinante para tal experiência, ou seja, para a situação traumática.

Estar em meio a uma guerra ou viver em um pós-guerra são situações em que os conflitos não acontecem apenas nos campos de batalha e que os atingidos são apenas aqueles que atuam diretamente nos combates, mas aqueles que viveram naquele período também são atingidos, mas, internamente; são conflitos que atingem o âmbito de nosso inconsciente. Surge um sentimento de impotência e o questionamento de até que ponto podem chegar os limites do ser humano. Esses reflexos atingem Ludo e sua forma de encarar a vida, pois a guerra também é uma experiência traumática.

Em um dos capítulos, uma carta é transcrita e, a partir de sua leitura, tomamos ciência de um elemento marcante do passado de Ludo. Maria da Piedade Lourenço Dias é o nome da mulher que escreve na tentativa de encontrar sua mãe biológica, com quem nunca estabeleceu qualquer contato. Ao longo do relato e da descrição das informações, é revelado que nossa personagem é aquela por quem a autora da carta procura.

O romance nos apresenta também a história de outras personagens, dentre elas, Jeremias Carrasco, um cidadão português, Daniel Benchimol, jornalista que coleciona histórias de desaparecimento em Angola, e Magno Moreira Monte, um detetive. Suas histórias se entrelaçam e conversam. Dito isso, é para o jornalista a quem a carta da filha desconhecida de Ludovica é endereçada, e o seu trabalho de investigação encontra nossa protagonista no Prédio dos Invejados, e promove o reencontro entre mãe e filha.

O momento é carregado pelo nervosismo, pelas lágrimas, pela esperança e pelas inevitáveis primeiras impressões. Ao trocar palavras com a filha, sente uma grande calma e leva suas mãos até seu ventre. A partir daí, começamos a tomar conhecimento de alguns indícios que nos permitem formular o que aconteceu verdadeiramente no passado da personagem. Ludo também toma ciência daquilo que aconteceu com a irmã, Odete, e o cunhado, Orlando, eles foram assassinados, mas ela prefere não saber detalhes, e sim, esquecer. A personagem que passava as informações afirma que “esquecer é morrer [...]. Esquecer é uma redenção.” (AGUALUSA, 2012, p. 163), tal constatação nos revela que, provavelmente, Ludo estivesse optando por matar, definitivamente, tudo aquilo e trilhar novos caminhos, tentando superar tantas mortes, estejam elas presentes no âmbito da fisiologia ou do simbólico.

Nas últimas páginas de *Teoria geral do esquecimento*, o capítulo “O acidente” nos remete a uma informação que foi apresentada nas primeiras linhas: “Até que aconteceu aquilo a que ela chamava *O acidente* e passou a olhar para esse pavor primordial como uma premonição.” (AGUALUSA, 2012, p. 11). Foi uma violência sexual sofrida por Ludo, ainda quando nova, que colaborou, junto com os outros fatores que elencamos durante nossa discussão, para esse medo que ela sentia do mundo, que, por sua vez, transformou-se numa necessidade de isolamento e autoexílio.

É a partir de seus versos que o ato de violação de seu corpo é descrito e, nas últimas linhas, ela afirma: “A vergonha./ A vergonha é que me impedia de sair de casa./ O meu pai morreu sem nunca mais me dirigir a palavra. [...]/ Nunca mais consegui sair à rua sem experimentar uma/ vergonha profunda.” (AGUALUSA, 2012, p. 167). Um momento sombrio é revelado, nas linhas seguintes que reverberam verdade, delicadeza, emoção, poeticidade e, claro, violência.

Compreender aquilo que habita o íntimo de um sujeito construído nas letras de um romance é uma tarefa que requer uma leitura que se estende para além daquilo que está escrito. Olhar para uma personagem e tentar decifrá-la demanda escolhas e a consciência de que não conseguiremos analisá-la em sua completude. Enxergar Ludovica com outros olhares foi uma decisão que não se distanciou dessa realidade. *Teoria geral do esquecimento*, para além disso, nos coloca diante de uma Luanda repleta de histórias, de vidas, de mortes, de distanciamentos geográficos, considerando sua independência, ou humanos.

É nesse cenário que optamos por privilegiar aquilo que tange a subjetividade de nossa personagem principal, cuja vida é construída pelas perdas que sofre, da filha, dos pais, da irmã ou de si mesma. Ludo carrega consigo o não-pertencer, o não se reconhecer, enquanto sujeito ou enquanto capaz de ter uma voz ativa, capaz de dar rumo a sua própria vida, sem, necessariamente, precisar do auxílio do outro. A experiência estruturante da subjetividade, o desamparo, acompanha a personagem durante sua trajetória.

Assim, com o auxílio da teoria psicanalítica freudiana, percebemos que Ludovica é uma mulher com traumas advindos de suas experiências, estes, por sua vez, reverberaram em seu inconsciente de tal maneira que o único atalho encontrado por ela de, talvez, superá-los é se preservar para evitar que novas perdas cruzassem seu caminho. A narradora se isola de tudo e de todos e tem como companhia apenas sua solidão e seu desamparo. A escrita vem como uma válvula e reflete: “Escrevo para quem fui. Talvez aquela que deixei um dia/ persista ainda, em pé e parada e fúnebre, num desvão do/ tempo – numa curva, numa encruzilhada [...].” (AGUALUSA, 2012, p. 169). Uma escrita como devir.

Referências

AGUALUSA, José Eduardo. *Teoria geral do esquecimento*. Rio de Janeiro: Foz, 2012.

BARROS, Telma. Solidão, desamparo e criatividade. *Psicanálise – Revista da SBPdePA*. Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 265-282. 2007.

BELLEMIM-NÖEL, Jean. *Psicanálise e literatura*. São Paulo: Cultrix, 1978.

BIRMAN, Joel. O mal-estar na modernidade e a psicanálise: a psicanálise à prova do social. *Revista Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, n. 15, p. 203-224. 2005.

DUNKER, Christian. Solidão: modo de usar. *In: Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

FREUD, Sigmund. Uma dificuldade da psicanálise. *In: Obras completas, volume 14: História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1917/2010.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia. *In: Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1926/2014.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. *In: Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1927/2014.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: *Obras completas, volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1930/2010.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In: *Obras completas, volume 11: Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos. (1912-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1913/2012.

LEITE, Ana Mafalda. *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*. Lisboa: Colibri, 2003.

MACÊDO, Tania. *Luanda, cidade e literatura*. São Paulo: Editora Unesp; Luanda (Angola): Nzila, 2008.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014.

MBEMBE, Achille. *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Angola: Edições Mulemba; Portugal: Edições Pedagogo, 2010.

MENEZES, Lucianne Sant'Anna de. *Desamparo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

ONDJAKI. *Os transparentes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ROCHA, Zeferino. Desamparo e metapsicologia: para situar o conceito de desamparo no contexto da metapsicologia freudiana. *Síntese – Revista de Filosofia*. Belo Horizonte, v. 26, n. 86, p. 331-346. 1999.

TANIS, Bernardo. *Circuitos da solidão: entre a clínica e a cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.